



UNILEÃO

CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO

CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MATHEUS GRANGEIRO DOS SANTOS

O INCONSCIENTE ENTRE BECOS E VIELAS: a práxis psicanalítica com adolescentes
em situação de vulnerabilidade social.

JUAZEIRO DO NORTE - CE

2023

MATHEUS GRANGEIRO DOS SANTOS

O INCONSCIENTE ENTRE BECOS E VIELAS: a práxis psicanalítica com adolescentes
em situação de vulnerabilidade social.

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Raul Max Lucas da Costa.

JUAZEIRO DO NORTE - CE

2023

MATHEUS GRANGEIRO DOS SANTOS

O INCONSCIENTE ENTRE BECOS E VIELAS: a práxis psicanalítica com adolescentes
em situação de vulnerabilidade social.

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 27/06/2023

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Raul Max Lucas da Costa/UNILEÃO.

Membro: Prof. Dr. Francisco Francinete Leite Junior/UNILEÃO.

Membro: Me. Cicera Jaqueline Sobreira Andriola.

JUAZEIRO DO NORTE - CE

2023

O INCONSCIENTE ENTRE BECOS E VIELAS: a práxis psicanalítica com adolescentes em situação de vulnerabilidade social

Matheus Grangeiro dos Santos¹
Raul Max Lucas da Costa²

RESUMO

Considerando o fazer psicanalítico na atualidade, é possível perceber e trabalhar nas formas em que os sintomas e o mal-estar social se adaptam e se configuram em adolescentes que estão à margem da sociedade por conta da vulnerabilidade social. Desta forma, entendendo a psicanálise como forma de escuta do sofrimento, se investigou como ocorre o atendimento para com estes jovens marginalizados. A construção desse trabalho tem como objetivo geral analisar como se configura o atendimento psicanalítico com adolescentes em situação de vulnerabilidade social e tem como objetivos específicos analisar o que é vulnerabilidade social; explorar a adolescência junto com as diferentes formas ponderadas pela psicanálise e discutir o papel do analista e da psicanálise diante deste público específico. Trata-se de um estudo exploratório e será realizada em uma leitura qualitativa, utilizando da pesquisa bibliográfica narrativa havendo assim como critério a busca de análise em livros, revistas físicas e digitais e artigos de forma ampla e na interpretação crítica e pessoal do autor que se possa utilizar na melhor articulação dos conteúdos expostos na pesquisa. Os resultados mostraram que os analistas precisam olhar para práticas que se voltem para os adolescentes em situação de vulnerabilidade, em condições precárias e potencialmente traumáticas e excludentes, buscando novas formas de atendimento em uma esfera coletiva, visto que o sujeito do inconsciente continua desejante, tornando a escuta psicanalítica um vigoroso instrumento para a garantia e cuidado do laço social, em que o jovem possa se particularizar e ressignificar o que foi vivido.

Palavras-chave: Clínica. Adolescência. Psicanálise. Subjetivação. Vulnerabilidade Social.

ABSTRACT

Considering the current psychoanalytic work, it is possible to perceive and work on the ways in which symptoms and social discomfort adapt and are configured in adolescents who are on the margins of society due to social vulnerability. In this way, understanding psychoanalysis

¹Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Coordenador do Projeto de Extensão: Diálogos e Práticas sobre uma educação para Liberdade. Email: Matheus.santos.yu@gmail.com

²Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Doutorado em Psicologia pela Unifor. Psicanalista membro do Aleph - Escola de Psicanálise. Email: Raulmax@leaosampaio.edu.br

as a way of listening to suffering, we investigated how care for these marginalized young people occurs. The construction of this work has the general objective of analyzing how psychoanalytic care is configured with adolescents in a situation of social vulnerability and has the specific objectives of analyzing what social vulnerability is; explore adolescence along with the different forms pondered by psychoanalysis and discuss the role of the analyst and psychoanalysis before this specific public. It is an exploratory study and will be carried out in a qualitative reading, using the narrative bibliographical research, having as a criterion the search for analysis in books, physical and digital magazines and articles in a broad way and in the critical and personal interpretation of the author who is can use in the better articulation of the contents exposed in the research. The results showed that analysts need to look at practices that focus on vulnerable adolescents, in precarious and potentially traumatic and excluding conditions, seeking new forms of care in a collective sphere, since the subject of the unconscious remains desirous, making psychoanalytical listening is a powerful instrument for guaranteeing and caring for the social bond, in which the young person can individualize and re-signify what has been experienced.

Keywords: Clinic. Adolescence. Psychoanalysis. Subjectivation Social vulnerability.

1 INTRODUÇÃO

É por meio de diversos fatores como: racismo, segregação, consumo de drogas, transtornos mentais, entre outras concepções de sofrimento, que na atualidade se produz novas formas de anseios e sintomas, constituindo deste modo um mal-estar social que perpassa principalmente as esferas sociais mais excluídas, convidando assim os(as) psicanalistas a se debruçar a um novo prisma e repensar sua práxis na atualidade, voltando-se desta forma para pautas e intervenções junto ao sujeito dentro do seu coletivo, levando em conta seu contexto e sua singularidade imerso no seu tecido social (FURTADO, 2022).

Pensar e repensar o fazer psicanalítico na atualidade, é perceber e trabalhar nas formas em que os sintomas e o mal-estar social se adaptam e se configuram dentro de um coletivo em situação de vulnerabilidade. Entendendo a vulnerabilidade social não sendo considerada como algo pessoal de um ser, mas sim, perceber que o sujeito está inserido nesta realidade, que é construída dentro de várias situações sociais na qual o indivíduo faz parte, podendo em outro momento está em uma situação diferente, porém não sendo do “seu esforço”, pois este é uma produção social (ROZEK, 2016).

No sistema no qual estamos postos, é imprescindível não nos determos aos impactos que o neoliberalismo produz e contribui para os modos de mal-estar e de sofrimento, pois este possui uma lógica mercadológica e econômica na qual para a sua continuação precisa que as suas operações consigam gerir o sofrimento psíquico e a subjetividade. Percebe-se assim as novas formas que este sistema modela os sujeitos e seus desejos, formando novas formas de sofrimento na atualidade (FURTADO, 2022), pode-se pensar em novas formas de se ouvir estes adolescentes e suas nuances perante o desamparo psíquico e social imersas dentro dos discursos hegemônicos social e político, contrapondo-se às lógicas vigentes da sociedade na qual promove uma exclusão e patologização do sujeito em contextos de vulnerabilidade, na qual a escuta serve de amparo a fim que estes jovens consigam sair de um silenciamento e por meio de catarse consigam dar sentido às suas vivências e reconhecer os seus afetos (MACEDO; KLAUTAU, 2020).

O contexto de desamparo e desigualdade resultam em uma exclusão e segregação na vida de adolescentes que estão à margem da sociedade por conta da vulnerabilidade social, na qual possuem marcadores sociais de raça, classe, etnia e gênero. O discurso social culpabiliza o adolescente, patologizando-o e criminalizando-o, tirando assim a responsabilidade da sociedade e intensificando a sensação de desamparo (GUSKI; ROSA, 2020). Fazendo assim o

recorte étnico-racial, entendemos que os adolescentes que não tem acesso a este tipo de atendimento, são jovens negros e pardos que se encontram em um estado de extrema pobreza, que fazem parte de comunidades e que foram os mais assolados na pandemia de COVID-19, sendo expostos a mais uma situação de risco (IBGE, 2019). Percebendo-se também que o acesso à saúde mental no Brasil ainda é um privilégio de uma determinada classe e raça, onde os sujeitos que estão à margem da sociedade, mais vulneráveis, têm pouco ou quase nada de acesso sobre os transtornos que os assolam, não sabendo assim reconhecer o próprio sofrimento psíquico. No sistema capitalista, a saúde mental é mais um produto de difícil acesso.

Diante desse contexto, a temática me faz furo antes mesmo de entrar no curso, quando me deparava com o anseio de querer começar uma análise/psicoterapia, porém não havia dinheiro para pagar a mesma, e ao pensar na sala de atendimento na qual possui um divã, sendo este o lugar para o estabelecimento de uma relação transferencial, imaginava não conseguir ocupá-lo, não havendo assim discussões acerca do *setting* analítico tradicional com fenômenos sociais e minorias. Durante bastante tempo esse lugar esteve considerado como sendo uma ciência da elite, partindo de um desejo de se aprofundar e romper com essa visão que surge está temática, estabelecendo um diálogo entre a psicanálise e os diversos setores da sociedade, a fim de questionar também as (im)possibilidades de ampliar o fazer psicanalítico para além dos moldes tradicionais, conseguindo assim adentrar as classes mais vulneráveis socialmente.

Esse estudo vem de encontro com toda a minha base individual e coletiva, por valores e vivências na qual faço parte e me (re)construo nessa caminhada, enquanto inserido também dentro de contextos de vulnerabilidade, como pessoa preta, pobre e periférica que surgem dúvidas acerca da psicanálise para com este público, nisto surge a pergunta: Como se configura o atendimento psicanalítico com adolescentes em situação de vulnerabilidade social?

Com o intuito de responder essa pergunta se elabora então os referentes objetivos da pesquisa, sendo eles: objetivo geral busca analisar como se configura o atendimento psicanalítico com adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Como os objetivos específicos: 1 – Analisar o que é vulnerabilidade social; 2 – Explorar as adolescências junto com as diferentes formas ponderadas por teóricos da psicanálise; 3 – Discutir o papel do analista e da psicanálise diante deste público específico.

A presente revisão vai ter como utilidade um aprofundamento e uma base teórica para se desenvolver mais pesquisas no âmbito clínico, voltados para a vulnerabilidade social e fora

dos moldes tradicionais, fomentando o olhar da psicanálise para adolescentes e o seu laço social dentro do espaço de análise, em uma perspectiva inter e multidisciplinar, na qual o sujeito é colocado a frente e considerando seu contexto biopsicosociocultural, adotando que uma “psicanálise pública envolve, colocando o desafio de ampliar leituras e escutas a sujeitos subalternizados historicamente” (GUIMARÃES; JARDIM, 2019).

Afim também de construir um olhar e uma psicanálise voltada para adolescentes em situação de vulnerabilidade social, e pensar assim em um artigo que haja aberturas no campo científico, aproximando questões que surgem na sociedade e que emergem na clínica, ponderando sobre a criação de espaços para que o foco principal seja a escuta do inconsciente e democratização do mesmo, tanto no tratamento quanto na formação de analistas (KLAUTAU; MACEDO; SINISCALCHI, 2021), possibilitando assim um maior entendimento sobre as (im)possibilidades da práxis analítica em contextos fora dos enquadres tradicionais do consultório privado.

2 METODOLOGIA

Com base nos pressupostos metodológicos da pesquisa exploratória, Gil (1999) discorre que este tipo de pesquisa tem como principal objetivo esclarecer e modificar conceitos e ideias, como proporcionar uma visão ampla sobre a temática pesquisada, um aproximativo de determinado tema. Sendo esta bastante adaptável, havendo como principal forma de executá-la um levantamento bibliográfico. Esta pesquisa será realizada em uma leitura qualitativa, utilizando da pesquisa bibliográfica narrativa ou revisão narrativa, sendo esta uma metodologia na qual o pesquisador se debruça sobre determinado tema, reunindo eventos e acontecimentos, encontrando bases para entender, descrever, discutir sob um determinado fenômeno (PAIVA, 2008).

As revisões narrativas têm como característica a não informação das fontes de dados, nem suas formas de busca e seleção de trabalhos, havendo assim como critério a busca de análise em livros, revistas físicas e digitais e artigos de forma ampla e na interpretação crítica e pessoal do autor que se possa utilizar na melhor articulação dos conteúdos expostos na pesquisa (ROTHER, 2007), sendo uma forma que os “narradores criam enredos, e impõem ordem a um fluxo de experiências ao dar sentido a acontecimentos e ações” (PAIVA, 2008, p. 5).

Esse cenário foi realizado o levantamento bibliográfico, efetuando a leitura dos materiais selecionados incluindo livros, artigos, notícias, teses dos temas propostos,

associados às pesquisas no banco de dados do Google Acadêmico, Pepsic (Periódicos Eletrônicos de Psicologia), Scielo (Biblioteca Eletrônica Científica Online), BVS Psicologia Brasil (Biblioteca Virtual em Saúde) e ABCD USP (Agência de Biblioteca e Coleções Digitais da Universidade de São Paulo). Os descritores utilizados foram “psicanálise”, “vulnerabilidade Social”, “adolescência”, “subjetivação”, “clínica psicanalítica”.

3 “QUEM É VULNERÁVEL?”: A ABRANGÊNCIA DO CONCEITO DE VULNERABILIDADE SOCIAL E SEUS DIVERSOS ESCOPOS

“Do pobre que acorda com ódio
O anjo do céu não pode ser réu
Quem vem das ruas, não joga fácil”
(SABOTAGE, *Mun-rá*. 2012).

A etimologia da palavra “vulnerabilidade” vem de uma “conexão dos vocábulos em latim *vulnerare*, que significa ferir, lesar, prejudicar, e *bilis*, significa suscetível” (NASCIMENTO, 2022, p. 29), conceito este que no momento atual e durante um longo período ainda esteja sendo considerado pelo senso comum relacionando-se exclusivamente a questões econômicas, e o seu surgimento “é justamente para suprir o esgotamento da matriz analítica da pobreza” (ROZEK, 2016, p. 70), evitando assim de mirar apenas a fatores econômicos e ampliando-se o olhar para a sua pluralidade (*ibidem*).

O uso e a compreensão do termo ‘vulnerabilidade’ é utilizado em diferentes áreas de estudos, mas foi utilizado principalmente na saúde como forma de lidar com a epidemia da AIDS nos anos de 1980 (NASCIMENTO, 2022), com o intuito de compreender quais eram os sujeitos mais acometidos pela doença e estabelecer os grupos de riscos, porém com o passar dos anos o perfil da epidemia de AIDS se altera, atingindo assim grupos sociais mais pobres (ROZEK, 2016). Nascimento (2022) também comenta que se passa a compreender de forma mais ampla o contágio da doença, percebendo o conjunto de fatores econômicos, culturais e sociais, não se restringindo apenas ao comportamento individual, evidenciando que este havia sido o aporte teórico colhido dos estudos na área da saúde.

A vulnerabilidade social na contemporaneidade pode ser percebida por diversos fatores, entretanto de início é importante evidenciar que um sujeito não é vulnerável, mas sim, está imerso dentro de um contexto social que produz e preserva-o dentro dessa vulnerabilidade, com ameaças que vêm de diferentes direções (ROZEK, 2016), na qual o indivíduo se encontra em uma posição de exclusão do laço social, acarretando em

dificuldades ao alcance à cidadania e direitos básicos, não havendo um enfoque voltado para renda, pois apenas este não conseguiria incorporar toda a complexidade da vulnerabilidade social (FURTADO, 2022).

Nesta perspectiva, percebe-se que existe uma gama de fatores que resultam o sujeito está inserido em um ambiente de vulnerabilidade social, Rozek (2016) ao discorrer sobre a temática, define no seu artigo que

A vulnerabilidade social está relacionada a sujeitos que encontram riscos diante de situações de desemprego, precariedade do trabalho, pobreza e falta de proteção social. Está relacionada, também, à falta de acesso a bens culturais e artísticos, à dificuldade em estabelecer laços sociais, comunitários e familiares, bem como à precariedade e dificuldade de acesso a serviços básicos como saúde e educação. É a combinação de fatores como agravos à saúde, violência e pobreza que pode produzir a deterioração do nível de bem-estar das pessoas, famílias ou comunidades (p. 71).

Ao se deparar com as vastas vicissitudes que produzem e sustentam a vulnerabilidade e a sua complexidade em definir o seu conceito, este estudo entende a vulnerabilidade social como havendo uma má disponibilidade de recursos materiais e figurativos entre determinados grupos ou indivíduos. Visto que a posição em que estes grupos vulneráveis se encontram, se apresenta como bastante desvantajoso na sociedade, percebendo a privação de serviços básicos ou de suprimentos, dificulta cada vez mais estes sujeitos na superação desta situação, na qual às populações vulneráveis são excluídas e mantidas em situações de inseguranças, instabilidades e marginalidade no campo social (FURTADO, 2022).

Rozek (2016) pondera sobre a Política Nacional de Assistência Social (PNAS) de 2004, que a palavra ‘vulnerabilidade’ mesmo que basilar para a elaboração da Política, apresenta-se na forma relacionada ao próprio sujeito, mas não sob toda a sua pluralidade e as situações que o mesmo vivencia no seu dia-a-dia, colocando o sujeito como vulnerável, considerando que o mesmo não possui meios consideráveis para enfrentar e se defender. Ao pensar nessas concepções na qual o sujeito se torna responsável por esta inserido dentro de um contexto de vulnerabilidade é o que se busca romper, tendo em vista a gama de fatores que envolvem a vulnerabilidade social e que todo o contexto na qual o sujeito está inserido fazendo parte da sustentação do mesmo naquela situação “considerando o engendramento de fatores sociais, econômicos e políticos que constituem o material” (ibidem, p. 72).

Ao falar sobre vulnerabilidade social e exclusão do laço social, é impossível não se fazer um recorte étnico-racial, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2019, exibe que grande parte da população que está inserida em empregos estáveis, que há uma carência de apoio econômico e se encontra em um estado de

extrema pobreza são pessoas que se reconhecem enquanto negros ou pardos, não havendo meios para compor suas necessidades básicas e que não possuem condições mínimas de cidadania e direitos básicos para sobreviver, percebendo que na população negra o meio ambiente que exclui e segregá os mesmos, negando um direito natural de pertencimento, firmando-os assim em uma condição de maior vulnerabilidade.

A partir da conceituação de vulnerabilidade social é importante se deter não apenas para a identificação ou caracterização, também não somente a “uma simples classificação ou separação entre “vulneráveis” e “não vulneráveis”” (ROZEK, p.72, 2016), é imprescindível a qualificação do olhar para as multidimensionalidades da terminologia, a fim de compreender esses processos que constituem e sustentam, com o intuito de desenvolver uma atuação para com estes sujeitos, não apontando apenas para estes, mas sim tendo em consideração todas suas singularidades, vivências, e acima de tudo o meio no qual os mesmos estão inseridos (ibidem, 2016). Pois é o contexto que este sujeito está inserido que o coloca em uma posição de vulnerabilidade social, tal qual o emaranhado de situações que garantem a sua permanência, não havendo assim o acesso aos meios para superar esta posição.

Percebemos então a importância da clínica psicanalítica acessar e assim contribuir com suas intervenções nestes contextos que são explícitos a violência nas suas diversas formas e a sua escassez de recursos dos sujeitos para enfrentar a sua realidade (FURTADO, 2022). Com base na estrutura do trabalho e dos autores aqui citados, percebendo as novas formas da sociedade contemporânea de segregar, oprimir e produzir mal-estar social, é importante falar e perceber a clínica psicanalítica nestes espaços, pretende-se no próximo subtópico mostrar e relacionar como a clínica psicanalítica aborda as vulnerabilidades sociais e os sujeitos que estão nela imersos.

3.1 Entre guerras e vulnerabilidades: a história da psicanálise e a clínica social

“Deve renunciar à prática da psicanálise todo analista que não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época”
(LACAN, 2003, p.231).

A psicanálise é criada em um cenário em que o próprio Freud não acreditava na sua utilização com pessoas pobres e menos favorecidas. Em textos como *O início do tratamento* (1913/2010) em que o próprio autor comentava que grande parte dos menos favorecidos estavam mais preocupados com problemas ligados à sua subsistência, se tornando assim menos vulneráveis à neurose, tendo em vista também que o pagamento ocupava uma importante função reguladora da transferência e como ela se estabelece. Com a ausência da

mesma iria surgir o aumento da resistência por parte do paciente, ou seja, também por parte do próprio analista, sendo neste primeiro momento o próprio Freud se mostrava totalmente antagônico ao atendimento gratuito (ESTARQUE, 2017).

Todavia, a Europa no período entre a Primeira e Segunda Guerra se encontra em um cenário de flagelo por conta do pós-guerra, em que os soldados retornavam dos campos de batalha sob fortes traumas psíquicos, demandando assim dos psiquiatras da região para tratar estes militares. Ernest Simmel, famoso psiquiatra que coordenava o Hospital Militar de Berlim na Alemanha, toma como base os conceitos freudianos para tratar os neuróticos de guerra, lançando assim um livro sobre a sua experiência com estes pacientes da guerra, na qual foi bastante aclamado pelos militares e pelo próprio Freud que então o convida para dar início a sua formação de analista (FURTADO, 2022; ESTARQUE, 2017; DONTO, 2019).

Freud ao perceber o cenário desolador que se encontrava a Europa, com o crescente aumento de pessoas empobrecidas por conta da guerra, e o importante trabalho do Simmel com os militares, começa a repensar o lugar e o alcance da psicanálise dentro da sociedade, por conta do contexto sócio cultural que o preocupava em uma incessante reflexão pessoal. O V Congresso Psicanalítico Internacional, sediado em Budapeste no ano de 1919, Freud e outros psicanalistas de primeira geração ali presentes começam a pensar na expansão da psicanálise para as camadas sociais, estendendo assim o acesso e o alcance da mesma nas populações mais vulneráveis, com clínicas gratuitas na qual serviria como alicerce para a formação de analistas (DONTO, 2019; FURTADO, 2022). O próprio Sigmund Freud (1919/2010) no congresso afirma que

[...] pode-se prever que em algum momento a consciência da sociedade despertará, advertindo-a de que o pobre tem tanto direito a auxílio psíquico quanto hoje em dia já tem a cirurgias vitais. E que as neuroses não afetam menos a saúde do povo do que a tuberculose, e assim como esta não podem ser deixadas ao impotente cuidado do indivíduo. Então serão construídos sanatórios ou consultórios que empregarão médicos de formação psicanalítica [...] **esses tratamentos serão gratuitos.** (p. 217, grifo nosso).

A instauração de clínicas públicas psicanalíticas é estabelecida por conta de uma preocupação “com o crescimento da miséria neurótica” (ESTARQUE, 2017, p. 14) com os sujeitos menos favorecidos, a fim de ouvir estes que não tinham condições de se submeter ao tratamento psicanalítico, pois o seu criador acreditava que o nascimento da psicanálise e suas técnicas estavam sendo ajustadas, com o passar do tempo observa-se novos procedimentos que eram demandados para haver uma diminuição do sofrimento psíquico das populações empobrecidas, com o intuito de esta se tornar um tratamento acessível para todas as populações e suas camadas sociais (RODRIGUES, 2016).

É importante levar em consideração que Freud em momento algum usa do termo/conceito de “filantropia” ou até mesmo “caridade” para essa clínica social, percebe-se nos seus escritos e de outros autores que o mesmo usa da sua consciência social e política, acreditando que os pobres devem ter um direito à assistência de saúde mental, demandando do estado fornecer e dar assistência a este tipo de serviços aos sujeitos carentes (DONTO, 2019; FURTADO, 2022). Cria-se então a primeira policlínica em 1920, situada em Berlim, como principal modelo de clínica pública, acarretando assim em um alcance maior da psicanálise para atendimentos gratuitos, como também para maior formação de analistas, sob o comando de Max Eitingon. Este teve a sua trajetória histórica na psicanálise ao garantir a união dos psicanalistas com o intuito de expandir e assegurar o tratamento analítico para as camadas mais marginalizadas e populares da sociedade (NUNES, 2020).

O instituto de Berlim permaneceu em torno de dez anos sendo financiado pelo próprio Eitingon, garantindo assim que se houvesse o atendimento para a população que não conseguiria pagar ou, as que pagariam um valor simbólico, bem como um local para a formação de novos analistas. Nesse período a psicanálise passa a ocupar um lugar de bastante relevância nos debates científicos e populares da cidade de Berlim, em uma ascensão espetacular, por conta do grande número de analistas formados pelo instituto, obedecendo o critério que o próprio Freud coloca para a formação de analistas, sendo este o tripé: ensino teórico, análise didática e supervisão (RODRIGUES, 2016).

Em um período que o Nazismo tem sua ascensão, torna-se um cenário preocupante para os psicanalistas – sendo estes grande parte de origem judaica – acarretando assim um exílio em massa, consequentemente vários institutos têm suas equipes enfraquecidas e grandes problemas financeiros, encaminhando o fechamento das clínicas gratuitas de psicanálise, impossibilitando a formação de novos analistas e o atendimento para as pessoas em vulnerabilidade (FURTADO, 2022).

É importante elencamos aqui a nossa própria história, como esta psicanálise chega no Brasil e em alguns países da América Latina, por conta do contexto que se passava no entre guerras, muitos psicanalistas que foram exilados por conta do Nazismo, se firmam em diversos países, vale ressaltar a Argentina, sendo principal influência para a América Latina. Broide (2019) apresenta que a Associação Psicanalítica Argentina (APA) tem quatro iniciadores, sendo três destes, imigrantes. Ángel Garma, este que vem para Argentina refugiado da Guerra Civil Espanhola; Marie Langer, na qual logo após a derrota dos Republicanos se instalava em Buenos Aires, e Enrique Pichon Rivière, este último sendo peça importante, pois o mesmo possui mistura francesa, guarani e argentina que é “através de um

trânsito entre diferentes mundos e situações sociais que acabam se constituindo enquanto uma centralidade criativa geradora de algo novo e surpreendente” (BROIDE, 2019, p. 2), o que colabora para o desenvolvimento de uma ideologia progressista, os quatro afastam-se da instituição, formando novos analistas com ideias que afastem os moldes tradicionais da época (FURTADO, 2022).

Na Argentina, ao ocorrer o golpe militar de 1976, tal como o Nazismo anteriormente, barra a transmissão e o movimento progressista da psicanálise, interrompendo grandes trabalhos que vinham sendo desenvolvidos, como formações de novas gerações, criação de centros de saúde mental, trabalhos em diversos segmentos sociais e aprofundando a teoria (BROIDE, 2019), boa parte dos psicanalistas que tinham transferência com a psicanálise, saem da argentina durante o golpe e partem para novos países, muitos dos quais pousam no território brasileiro. No Brasil, se estabelece um movimento contra a ditadura e práticas insurgentes, formando-se diversos grupos com clínicas sociais, o Rio de Janeiro com a Clínica Social de Psicanálise em 1973, criada pelo casal de psicanalistas Hélio Pellegrino e Anna Kemper, teve grande repercussão, pois a partir desta se estabeleceu diversas referências e uma melhor transmissão de uma clínica e ética na psicanálise brasileira (DONTO, 2019).

Broide (DONTO, 2019) expõe que durante os anos de 1978, muitos analistas que de forma individual ou em diferentes grupos iam “para o mundo, fora do consultório particular. Atendíamos nas ruas, em prisões, em clínicas sociais.” (ibidem, pag. 8), havendo assim uma colaboração dos psicanalistas brasileiros e argentinos para se criam um espaço de formação e desenvolvimento de diversos trabalhos no campo social, intitulado de Instituto Sedes Sapientiae. É através dos entre guerras e com preocupação nas pautas sociais que a psicanálise se estabelece e se inova, havendo como base que “a experiência de atendimento clínico onde quer que a vida se dê mostra-nos que o sujeito fala onde quer que haja uma escuta, seja ela no divã, na instituição, nas ruas ou embaixo de uma ponte na mais pura tradição freudiana [...]” (ibidem, p. 10). Como lembra o próprio Freud que a psicanálise para sua sobrevivência necessita da sua imensa articulação com os povos e pautas sociais, com a importância de se pensar e repensar sua práxis, conseguindo chegar na população menos favorecida.

4 O RAIO DESNORTEADOR DA ADOLESCÊNCIA: UM FURO NO REAL

“A polícia não confia nos jovens, os jovens não confiam em ninguém
 Nós somos rebeldes
 Dormi na sua casa de novo, eu sei, você precisa de alguém

“Me dê mais remédios, me conte segredos, jovens não confiam em ninguém”
(FROID, *Peita de Dar Rolé*. 2023).

A adolescência não é um conceito psicanalítico, porém envolve toda uma gama de elementos, como dimensões sociais, econômicas, e culturais. Freud dialoga sobre puberdade, não em adolescência, voltando-se para aspectos físicos, em como o jovem lidar com o próprio corpo e suas modificações (GUERRA *et al.*, 2010), pois vale levar em conta que a adolescência é inventada no começo do século XX, percebida primeiramente como um “mito”, que se firma como um marco do desenvolvimento logo após a Segunda Guerra. Este marco começa a ser visto em um prisma dicotômico, onde para uns é um momento de medo, inveja, onde pode acontecer desordem e pesadelos, mas, para outros seria este período que dá forma aos sonhos e a liberdade (CALLIGARIS, 2009).

O próprio Freud (1905/2016) em *as transformações da puberdade* apresenta que o sujeito na fase anterior como um perverso polimorfo, sendo totalmente autoerótico, agora nesta nova etapa, o mesmo precisa de um objeto sexual que está fora de si mesmo, está agora no outro. O instinto sexual agora se coloca a serviço da reprodução, de maneira altruísta. Ao dar início a esse marco conturbado que é a adolescência, o sujeito precisa não somente enfrentar o mundo dos adultos, mas também se soltar do seu mundo infantil, pois este se dá após a latência no desenvolvimento psicossexual, atirando-se para a fase genital, que começa da puberdade até o término da vida, se tem uma superação da autonomia e anarquia das pulsões parciais (ÀVILA, 2011).

Aberastury e Knobel (1981) assinala que se deve levar em consideração que a adolescência, é um processo do desenvolvimento, é para além de uma mera etapa da vida, e para estudar/entender esse processo, precisamos se situar em cada contexto da realidade que perpassa o adolescente.

Partindo ainda das concepções de Aberastury (1981), observamos que o adolescente irá enfrentar três lutos fundamentais, sendo eles o: 1) *luto pelo corpo infantil perdido*, acarretando em alteridades que são constantemente presentes no seu corpo, no qual havia uma grande carga de desejos, histórias e narrativas e que aos poucos está se transformando e sendo substituído em um corpo que ainda é indeterminado, que está sendo inventado na sua imagem. A reinvenção da corporeidade, recompor a articulação borromeana do real, simbólico e imaginário. Lidar com sentimento de estranhamento, de despersonalização, alterando a sua noção de ser e de sentir no mundo, com um emaranhado de sentimentos que o adolescente ainda não possui recursos psíquicos para superar essas etapas (ALBERTI, 2010). 2) *o luto pelo papel e a identidade infantil*, que é o momento que o jovem começa a aceitar as

responsabilidades impostas e renunciar a dependência que havia anteriormente; e 3) *o luto pelos pais da infância*, procurando mecanismo de defesa para preservar a sua personalidade, para assim garantir refúgio e proteção que os mesmos significam, porém é um luto dos próprios pais para o adolescente, pois tem que admitir o envelhecimento do filho, que já não é mais criança e está em um movimento para ser adulto.

No começo dessa fase, o jovem inicia um investimento libidinal para os outros e/ou nos objetos. Com mudanças fisiológicas, seu corpo se preparando para a reprodução e entrar na vida adulta, porém há um barramento da sociedade que impõe limites, desvelando que ainda há um período a se percorrer para ingressar de fato na vida adulta (CALLIGARIS, 2009), Sonia Alberti (2010) ao estudar sobre adolescência, expõe sobre o jovem ter um encontro com o sexo, não se restringindo à relação sexual em si, mas, o envolvimento do mesmo com a aceitação de uma partilha dos sexos, pois na puberdade esse momento que vem de encontro com o real do sexo aflora no seu corpo, instigando assim o sujeito a traçar novas estratégias para lidar com essa dimensão. A psicanálise com seus autores clássicos, não se voltam a estudar essa fase do desenvolvimento afimco, porém não deixam de se referir a mesma, não se voltando para explicá-la.

Entende-se a adolescência enquanto uma função psíquica resultante de um exagero pulsional que é consequência da puberdade, em que esse sujeito vai de encontro ao Outro sexo e o Outro da cultura, em que escapa tudo aquilo que está instaurado, no qual à psicanálise não seria diferente (COUTINHO, 2010).

Dito isso, percebemos a pluralidade que é a adolescência, onde “cada sujeito realizando essa passagem de modo singular com as incidências de seu contexto histórico e social.” (WARPECHOWSKI; CONTI, 2018, p. 4), elencando que existem uma diversidade de maneiras de se passar pela adolescência, não sendo algo restrito e fixo, mas abrangente para cada realidade e indivíduo.

Seguindo as ideias de Warpechowski e Conti (2018) ao utilizarem uma metáfora na qual entendem o real do sexo no presente momento da adolescência, como o efeito de um raio, pois o mesmo ao cair pode “desnortear e levar o adolescente ao confronto com algo da ordem do traumático” (p. 6.), devido a insuficiencia do simbolico de encobrir o real na puberdade, se percebe grandes impactos em diversas esferas da vida do sujeito, como no seu corpo, no seu desejo, com o Outro sexo e Outro parental, pois “a sexualidade faz furo no real” (LACAN, 1974-2003. p. 562).

Para o adolescente que não é mais criança, e que a sociedade ainda o impede de se tornar adulto, vivendo um redespertar do Édipo e dos seus conflitos e fantasias incestuosas,

esse processo o mesmo começa a romper com o amor incestuoso parental, derrubando estes de um lugar idealizado, colocando em xeque os seus discursos e validar outros, como os do grupo social, encaminhando-se para à cena social, encontrando outros objetos para substituir os perdidos e firmando “um lugar subjetivo enquanto sujeito no mundo” (WARPECHOWSKI; CONTI, 2018, p. 7).

Percebendo a importância do jovem se inserir no laço social para conseguir se particularizar e se tornar único, Rosa (2010) ratifica que

O adolescente reinscreve-se no laço social, superando, conservando e revelando o histórico do sujeito e conferindo-lhe novas significações. As ações ou acidentes, realizações, frustrações, encontros, desencontros, ou seja, **os discursos e acontecimentos no campo social promovem reorganizações estruturais importantes no adolescente.** (p. 6-7, grifo nosso).

Sendo esta nova inscrição no laço social como ponto chave nesse período, pois a inserção do jovem na cultura é entendida como um modo de tratamento do mal-estar, visto que o mesmo “é prisioneiro da linguagem na qual se aliena e se transforma em ser da civilização.” (WARPECHOWSKI; CONTI, 2018, p. 7). O Outro social dispõe de significantes para os adolescentes marginalizados, marcando-os assim com significados de desqualificação e criando impedimentos para que o mesmo consiga adentrar-se no laço social. Os jovens que estão inseridos no contexto das vilas e periferias são marcados constantemente por situações de traumas, violências, abandonos e outras formas de vulnerabilidade social, convidando-nos a pensar sobre os métodos de subjetivação desses adolescentes no qual o simples fato de existir é tão duro. (ibidem, 2018)

Guerra *et al.* (2012) expõe que ao estudar jovens em contexto de vulnerabilidade social, percebeu-se uma entrada na vida adulta de maneira precoce, onde estes vão em um movimento contrário ao que se é repercutido/divulgado acerca da adolescência. Em uma passagem pela puberdade, mas não pela adolescência de fato. Atravessado pela urgência da satisfação, estes jovens no inicio da puberdade, momento em que se mostra o real do sexo, havendo um “acesso fácil à vida sexual, ao crime e às drogas, que “oferecem” uma solução rápida e eficaz para o encobrimento da falta estrutural, desvelada nesse momento.” (p. 12). Em cenários em que muito jovem se tem bastante exigências impostas, forçando assim uma urgência de resposta do sujeito.

Sei e Zuanazzi (2016) apresentam visões atuais da psicanálise acerca da adolescência, começam a questionar qual é o papel que o adolescente ocupa levando em consideração o contexto social atual, que em seus acontecimentos são marcados pelo consumismo e

violência. Conforme afirma Nazir Hamad (2012, p.103) “O adolescente não é o mesmo de uma geração a outra. Ele é a imagem da cultura que o porta, ou talvez, que não o porte”.

5 O SUJEITO COISIFICADO E SILENCIADO: A ESCUTA ANALÍTICA COM ADOLESCENTES EM SITUAÇÕES DE VULNERABILIDADE SOCIAL

“Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Se isso é sobre vivência, me resumir à sobrevivência
É roubar um pouco de bom que vivi
Por fim, permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Achar que essas mazelas me definem é o pior dos crimes
É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nóiz sumir” (EMICIDA, *AmarElo*, 2019).

O tratamento psicanalítico é um procedimento que é considerado desde os primórdios com sendo exclusivo de pessoas com recursos financeiros, por conta dos seus custos, da duração, assiduidade e da própria melhora no processo. Porém o próprio criador da psicanálise, Sigmund Freud chegou a ofertar tratamento para pessoas que não conseguiam arcar com os honorários estabelecidos, exemplo disso é o caso emblemático do Homem dos Lobos, percebendo os dilemas que possam vir a se apresentar durante as sessões. A psicanálise, se preocupa com o bem estar em geral, criando assim movimentos para tornar esta uma prática acessível (UNGIER, 2017).

Dada as mudanças sociais, é importante os psicanalistas contemporâneos repensar o fazer e as práticas clínicas, percebendo e levando em conta os fenômenos sociais vigentes. Fenômenos estes que perpassam situações de desamparo social em que vai de encontro com populações vulneráveis, gerando assim novas formas de mal-estar que assolam a humanidade. Wenderson Furtado (2022) expressa também que a psicanálise deve considerar a subjetividade dos indivíduos no contexto histórico e sociopolítico atual, pois “não há como a psicanálise sobreviver na atualidade sem levar em consideração os desdobramentos do mundo moderno na manutenção do mal-estar social contemporâneo” (p. 42).

Rosa (2015) convida a pensar a partir das novas formas do sujeito emergir e do enlaçamento social, convocando assim novos modos de escuta do inconsciente se fazer presente fora dos limites tradicionais, com as populações em estado de vulnerabilidade social. Pois as próprias condições de vida dos adolescentes nesta situação, os moldam para uma supressão da condição de sujeito, produzindo assim o seu silenciamento, e o trabalho do analista é fazer com que o adolescente resgate ou construa sua própria história e narrativa, possibilitando assim o sujeito uma identificação única (ALTOÉ; SILVA, 2013).

Ao se propor uma clínica do sujeito, a realidade que este está inserido é considerada como primordial, havendo assim como essência a emersão do próprio. O trabalho do analista é possibilitar que o adolescente consiga sair de um discurso fechado, *coisificante*, que os meios o impõem estes significados, em que, deixam o sujeito em um lugar de passividade. O manejo do analista então é fazer aflorar o sujeito, fazendo-o tornar-se protagonista do seu próprio discurso (ALTOÉ; SILVA, 2013), cabendo a este a diferenciação do que é do sujeito e o que perpassa o discurso de dominação, rompendo assim com os discursos capitalistas e mercadológicos que produzem uma violência simbólica, em uma situação de desamparo social, discurso esse que os marginaliza e os excluem da sociedade. Surgindo o sujeito e o próprio, consiga produzir significantes para uma melhor elucidação de seu processo de exclusão social (FURTADO, 2022).

Sob o prisma psicanalítico cabe então esclarecer uma parcela de aspectos e fenômenos do campo social e político, não a fim de esgotá-lo, mas “incidir sobre o que escapa a essa análise, isto é, sobre a dimensão inconsciente presente nas práticas sociais.” (ROSA, 2014, p. 188). Na qual a própria autora denomina de intervenção psicanalíticas clínico-políticas, que são direcionadas para as populações em vulnerabilidade social, na qual o sujeito que em seu laço social é preso no discurso social e político, alienando-o a sua subjetividade. Este campo ético e político tem como foco abarcar as especificidades de pessoas vulneráveis, mirando ouvir o sujeito que na sua dor é silenciado e precarizado, visando entender a sua posição desejante no laço social e suas formas de resistência da amálgama da vulnerabilidade social. (2018 *apud* FURTADO, 2022).

Ao se deparar com uma clínica tão distante do habitual, fora dos enquadre padronizado das poltronas e do divã, visto as suas peculiaridades, o próprio analista se depara com uma angústia, na qual depende muito da maneira de construir um laço analítico com os adolescentes inseridos nestes contextos. Pois “não é suficiente que a criança ou adolescente queira se tratar; é preciso encontrar um analista que se aventure nesta empreitada” (ALTOÉ; SILVA, 2013, p. 13), seguindo as ideias de Chaumon (*apud* ALTOÉ; SILVA, 2013, p. 13), ao trazer que

o tratamento analítico supõe que um psicanalista se engaje, ou seja, se preste a este laço amoroso designado por Freud sob o nome de transferência. A transferência é o nome deste laço social pelo qual o sujeito deve necessariamente passar para se apreender como tal. **Somente pela passagem do amor de um outro, o psicanalista, é que os efeitos do desconhecimento do eu poderão ser suplantados e o desejo do sujeito se reconhecer como tal** (2004, p. 97, grifo nosso).

É significativo ressaltar a importância do rigor técnico nestas outras formas de se fazer a clínica psicanalítica, pois permite que o analista estabeleça uma relação de inconsciente para inconsciente, conseguindo assim ouvir o sujeito, comunidade, instituição ou grupo diante das vicissitudes do seu meio (BROIDE; BROIDE, 2020), apostando assim nas novas formas de se ouvir este sujeito e suas nuances perante o desamparo psíquico e social imersas dentro dos discursos hegemônicos social e político, convidando também a dispositivos grupais, que visam fortalecer vínculos dos sujeitos, promovendo melhor pertencimento ao grupo e diluindo o individualismo, ancorando-se em um processo de singularização do indivíduo, contrapondo-se às lógicas vigentes da sociedade na qual promove uma exclusão e patologização do sujeito em contextos de vulnerabilidade, na qual a troca do grupo surge como amparo a fim que estes sujeito consigam sair de um silenciamento e por meio de catarse consigam dar sentido às suas vivências e reconhecer os seus afetos (MACEDO; KLAUTAU, 2020).

Dentro das ideias de Furtado (2022), levamos em conta a escuta clínica das populações vulneráveis e das novas clínicas, devem estas se fazer presentes onde haja ali um sujeito que fala, em seus mais variados discursos, como diferenças de classe, gênero, ideologia e etc., cabe ressaltar aqui que o trabalho das clínicas abertas e públicas de psicanálise voltados para as populações vulneráveis, não se trata ainda de filantropia, mas um dispositivo que se sustenta em uma ética com desejo dos próprios analistas, entendendo a importância que a escuta analítica desempenha na sociedade, especialmente para as populações vulneráveis.

Afim de reconstruir os territórios construídos e possibilitar que o sujeito ali inserido consiga transformar suas angústias em narrativas, pois “assim como idealizado por Freud no período entreguerras, visando resgatar e expandir o tratamento psicanalítico para as populações que se encontram em situações de vulnerabilidade social.” (ibidem, p. 47). Como abordado anteriormente, para que a psicanálise sobreviva e seja transmitida, o próprio criador traz a necessidade da sua articulação com os povos e pautas sociais, na qual é importante pensar e repensar cada vez mais a sua práxis, conseguindo chegar nas populações mais vulneráveis e segregadas, observando e ouvindo as nuances do mal-estar contemporâneo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Resistir ao lado das pessoas
que a gente gosta,
deixa a luta mais suave,
a gente não quebra, entorta.

As lágrimas ficam filtradas,
O suor mais doce
e o sangue mais quente.

E sem que a gente perceba, percebendo,
as coisas começam a mudar à nossa volta.

E aquele sonho que parecia impossível,
acaba virando festa,
enquanto a gente revolta.”

(SÉRGIO VAZ, *Resistência*, 2020).

Este trabalho buscou analisar como se dava o atendimento da psicanálise voltado para adolescentes em situação de vulnerabilidade social, quais eram os limites e possibilidades da escuta destes. Acreditando que a psicanálise tem muito a contribuir no atendimento desses jovens neste contexto específico, visto que por conta da precariedade vivida, entendendo que há toda uma estrutura e mecanismos para que se crie essa mazela e mecanismos para que a mesma dure por muito tempo, e fazer oposição à sua manutenção também se torna viável.

Em vista dos argumentos apresentados ao longo da pesquisa, conclui-se que a psicanálise nos seus primórdios se é questionada para criação de clínicas sociais, indo além dos *settings* terapêuticos tradicionais. Percebendo o cenário entreguerras e o aumento das populações em situação de vulnerabilidade social, que se estabelecem os trabalhos na escuta e na formação dos psicanalistas, contribuindo assim para uma maior transmissão e formação da psicanálise, no atendimento para as camadas mais precarizadas da sociedade.

Vale mencionar a chegada da psicanálise em território latino-americano e o engajamento para torná-la uma forma de escuta também dos mais vulneráveis, com a união de psicanalistas brasileiros e argentinos, garantindo assim naquele período tratamento gratuito e reverberando nos dias atuais. Portanto, a criação de novos dispositivos para promoção das novas formas de escuta, rompendo com discursos hegemônicos da lógica capitalista e neoliberal, a fim de o sujeito do inconsciente apareça em cena e continue desejante, tornando a escuta analítica um vigoroso instrumento para a garantia e cuidado do laço social, em que o jovem possa se particularizar e ressignificar o que foi vivido.

Em um compromisso ético e político com estes adolescentes que a psicanálise se faz importante instrumento para a escuta dos mesmos, visto que estão inseridos em condições

precárias e potencialmente traumáticas e excludentes, em uma maneira única e singular de (não)passar pelo período da adolescência, buscando assim novas formas de atendimento em uma esfera coletiva, permitindo assim que o sujeito antes silenciado e coisificado, agora se faz sujeito e desejante na linguagem e no laço social.

Para chegar aos resultados apresentados, deparou-se com dificuldades para encontrar matérias sobre a abordagem psicanalítica com jovens e especialmente nos contextos de vulnerabilidade social. Mostrando a importância dessa problemática na atualidade e desse trabalho sendo precursor de pesquisadores para realização de novos trabalhos na literatura, que explorem a temática e ampliem os conhecimentos teóricos e práticos da psicanálise na com adolescentes marginalizados.

REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Mauricio. *Adolescência normal*: um enfoque psicanalítico. Trad. de Suzana Maria Garagoray Ballve. Porto Alegre: Artes Médicas. 1981.
- ALTOÉ, Sônia; SILVA, Magali M. Características de uma clínica psicanalítica com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. *Estilos da Clínica*, v. 18, n. 1, p. 125-141, 2013.
- ÁVILA, László A. Adolescência sem fim. *Vínculo-Revista do NESME*, v. 8, n. 1, 2011.
- BROIDE, Jorge. A clínica psicanalítica na Cidade. *Psicanálise nos espaços públicos*. São Paulo: IP/USP, p. 48-65, 2019.
- CALLIGARIS, Contardo. *A adolescência*. São Paulo: Publifolha ed, 2, 2009.
- COUTINHO, Luciana G. Pensando sobre as especificidades da clínica psicanalítica com adolescentes. *Latin-American Journal of Fundamental Psychopathology on Line*, v. 6, n. 2, p. 44-55, 2006.
- DANTO, Elizabeth A. *As clínicas públicas de Freud*: psicanálise e justiça social (1918-1938). Tradução Margarida Goldsztajn. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019.
- EMICIDA. *AmarElo*. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2019. (8min 53sec) Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=PTDgP3BDPIU&ab_channel=Emicida. Acesso em: 13/06/2023.
- ESTARQUE, Tereza M. A Clínica Social de Psicanálise do Instituto de Estudos da Complexidade: uma experiência antecipadora. *Espiral-Revista do Instituto de Estudos da Complexidade*, v. 1, p. 13-25, 2017.

FREUD, Sigmund. SOUZA, Paulo César. *Obras completas: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905)*. São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905). 2016.

FREUD, Sigmund; SOUZA, Paulo César. *Obras Completas: História de uma neurose infantil ("o homem dos lobos"), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920) /Sigmund Freud. Tradução Paulo César de Souza*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2010.

FROID. *Peita de Dar Rolê*. São Paulo: Casa1 Records, 2023. (3min 55sec) Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vdRDa6qavSE&ab_channel=Froid. Acesso em: 01/05/2023.

FURTADO, Wenderson S. *A clínica psicanalítica na contemporaneidade e as populações em situações de vulnerabilidade social: desafios e possibilidades*. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) - Universidade Federal do Maranhão. Maranhão, p 84. 2022.

GUERRA, Andréa M. C. et al. Construindo ideias sobre a juventude envolvida com a criminalidade violenta. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 10, n. 2, p. 434-456, 2010.

GUERRA, Andréa M. C. et al. Violência urbana, criminalidade e tráfico de drogas: uma discussão psicanalítica acerca da adolescência. *Psicologia em revista*, v. 18, n. 2, p. 247-263, 2012.

GIL, Antônio C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GUIMARÃES, Thessa; JARDIM, Raoni Machado Moraes. Apontamentos sobre o horizonte crítico do Psicanálise na Rua. *Teoría y Crítica de la Psicología*, n. 12, p. 315-339, 2019.

GURSKI, Rose; ROSA, Miriam Debieux. Adolescência, Psicanálise e Política: modos de resistir, modos de sobreviver. *Estilos da clínica: revista sobre a infância com problemas*. São Paulo. Vol. 25, n. 1 (jan./abr. 2020), p. 1-4., 2020.

HAMAD, Nazir. Os “jovens” ou os “novos monstros” In: FERNANDES, Claudia M; RASSIAL, Jean-Jacques. *Crianças e Adolescentes: encantos e desencantos*. São Paulo: Instituto Langage, 1. Ed. 2012. (91-103).

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Informativo IBGE sobre desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil. Brasília: IBGE; 2019. (*Es-tudos e Pesquisas: Informação Demográfica e Socioeconômica*, 41). Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf Acesso em: 17 abr. 2023.

KLAUTAU, Perla; MACEDO, Maria Manuela Dias Ramos de; SINISCALCHI, Marcella. Juventude e Desamparo: relato de uma pesquisa intervenção. *Educação & Realidade*, v. 46, 2021.

LACAN, Jacques. A psiquiatria inglesa e a guerra. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.

LACAN, Jacques. Prefácio a O despertar da primavera. In: J. Lacan, *Outros escritos* (pp. 557-559). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. 2003 (Trabalho original publicado em 1974).

MACEDO, Maria Manuela D. R; KLAUTAU, Perla. A escuta analítica como instrumento de resgate e manutenção do laço social. *Estudos interdisciplinares em psicologia*, Londrina, v. 11, n. 3, p. 45-60, 2020.

NASCIMENTO, Camila Nogueira do et al. *Adolescer em condições de vulnerabilidade: uma escuta psicanalítica*. Tese (Programa de Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Goiás. Goiânia, p. 87. 2022.

NUNES, Macla. A Policlínica de Berlim: utopia freudiana?. *Trivium-Estudos Interdisciplinares*, v. 12, n. SPE, p. 50-56, 2020.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. A pesquisa narrativa: uma introdução. *Revista brasileira de linguística aplicada*, v. 8, p. 261-266, 2008.

RODRIGUES, Adriana. *A psicanálise e a política de assistência social brasileira: um diálogo possível?*. 2016. 318 f. Tese (Doutorado em Psicologia). Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.

ROTHER, Edna Terezinha. *Revisão sistemática x revisão narrativa*. Acta Paulista de Enfermagem. v. 20, n. 2, abr/jun. 2007.

ROSA, Miriam. D.; DOMINGUES, Eliane. O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. *Psicologia & Sociedade*, v. 22, n. 1, p. 180–188, jan. 2010.

ROSA, Miriam D. O Jovem e o Adolescente na Cena Social: a relação identificação, ato e inserção no grupo social. *Políticas Públicas em questão*, 2011.

ROSA, Miriam Debieux; DOMINGUES, E. Psicanálise, política e cultura: a clínica em face da dimensão sócio-política do sofrimento. *Livre-docência. Universidade de São Paulo*, 2015.

ROZEK, Marlene. *O aprender como produção humana: os sentidos subjetivos acerca da aprendizagem produzidos por adolescentes em situação de vulnerabilidade social*. Tese (Programa de Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 217. 2016.

SABOTAGE. *Mun-rá – Luta, forma e conteúdo*. Música, 2012. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/sabotage/67355/>. Acesso em: 03 abr. 2023.

UNGIER, Aida. Clínica Social: as consequências metapsicológicas das novas lógicas sociais. *Espiral-Revista do Instituto de Estudos da Complexidade*, v. 1, p. 4-14, 2017.

WARPECHOWSKI, Marisa Batista; CONTI, Luciane D. Adolescer em contextos de vulnerabilidade e exclusão social. *Estilos da clínica: revista sobre a infância com problemas*. São Paulo. Vol. 23, n. 2 (maio/ago. 2018), p. 322-343, 2018.

